XXXII Encontro Anual de Iniciação Científica
IX Encontro Anual de Iniciação Científica Jr.
EAIC 2023

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES JORNALISTAS DURANTE A PRÁTICA PROFISSIONAL: ANÁLISE DOS DADOS DA FENAJ e ABRAJI REFERENTE AOS ANOS 2020-2021

Maria Catharina Iavorski Edling, Paula Melani Rocha (Orientadora), e-mail: pmrocha@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Departamento de Jornalismo

Comunicação. Jornalismo e Editoração

Palavras-Chave: *Jornalismo, Violência, Gênero*

Resumo

O projeto de pesquisa analisou as violências contra jornalistas durante a prática profissional no período de 2021-2022, a partir dos dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). O objeto da pesquisa foram as profissionais mulheres que realizaram coberturas atravessadas por política e sofreram algum tipo de ataque. O objetivo principal foi analisar marcadores de gênero nos ataques a partir de cor/raça, faixa etária, tipo de agressão e agressor. O referencial teórico ancora-se nos estudos em jornalismo e interseccionais de raça, classe, etnia e gênero.

Introdução

A pesquisa teve como objetivos compreender marcadores de gênero e sociais nas violências contra profissionais mulheres em coberturas atravessadas pela política. A base de dados da ABRAJI revelou quais foram os tipos de violência, quem são os principais agressores, por quais meios a violência ocorreu, em que tipo de veículo a jornalista trabalhava e qual tema foi abordado nas produções da jornalista violentada.

Materiais e Métodos

A pesquisa começou pela varredura do Monitoramento de Violência de gênero contra jornalistas da ABRAJI. O recorte foi redirecionado para mulheres jornalistas que cobrem política, pois foram as mais atacadas em 2021 e 2022. Realizou-se pesquisa bibliográfica e documental nos levantamentos da FENAJ.

Resultados e Discussão

A varredura identificou 119 ataques em 2021 e 145 casos em 2022[1]. Em 2021, foram 36 ataques contra profissionais que trabalham na editoria política. Os meses com mais ocorrência são: agosto (14,7%), setembro (17,3%) e outubro (16%). Em relação à cor: 90,7% branca, 5,3% preta, 4,0% indeterminada[2]. Na categoria de idade: 44% das profissionais têm entre 40 e 60 anos e 29,3% têm entre 25 e 39 anos. Na categoria tipo de violência: 78,7% são discursos estigmatizantes. A ABRAJI (2021, p.4) aponta que: “O apelo ao gênero e à sexualidade não é incidental. [...] Não é coincidência que os termos mais utilizados nos insultos às profissionais façam referência a aspectos de gênero – “vagabunda”, “puta”, “fofoqueira” – e a supostos vieses ideológicos das jornalistas – “militante”, “esquerdista” e “comunista”, entre outros.” Em 2022, foram 42 ataques. Os meses com mais ocorrência são: setembro (47,1 %) e abril (19,1%). Em relação à cor: 91,2% Branco, 7,4% preto e 1,5% pardo. Na categoria de idade, 39,7% têm entre 40 a 60 anos e 30,9% indeterminadas pela tabela. Quando se avalia o tipo de violência: 82,4% são discursos estigmatizantes. Um ponto que converge é que a maior parte dos agressores é autoridade do estado e trolls. Barão, Fontes e Marques (2021) mostram que as mulheres jornalistas são impactadas por essas violências resultando no desenvolvimento de autocensura, traumas e estresse.

[1]Ressalta-se que os dados não podem ser compreendidos como absolutos, pode existir uma subnotificação de casos e violências não registradas.

[2] De acordo com a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, as mulheres brancas correspondem a 68,4% do universo das profissionais (MICK et al. 2022).

Conclusões

A política é uma atividade que envolve disputas e relações de poder. Assim, a cobertura de temas políticos é hostil às profissionais mulheres em uma sociedade com lastro no patriarcado, seja pelas fontes ou público que se apropriam de ataques generificados e ‘discursos estigmatizantes’. Scott (1991) coloca que o gênero é o primeiro campo em que o poder é articulado, estabelecendo disputas. Como destaca Veiga da Silva (2015), a violência está enraizada na sociedade e afeta o próprio jornalismo e sua produção Em 2022, ano eleitoral, aumentaram os ataques, em um processo violento e acirrado. E o governo conservador e autoritário de Jair Bolsonaro gerou mais violência para a profissão (FENAJ). Percebe-se nos dois anos um percentual menor de mulheres negras vítimas de ataques, o que entendemos como a um percentual menor dessas mulheres exercendo a cobertura política. Outro marcador foi a faixa etária. Nos dois anos, há um maior percentual de ataques na faixa etária entre 40 e 60 anos, demonstrando que é um espaço ocupado pelas profissionais com mais tempo de carreira, devido às barreiras impostas às mulheres jovens.

Agradecimentos

Agradeço à orientadora Paula Melani Rocha e ao incentivo da Fundação Araucária para a realização desta pesquisa.

Referências:

ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **Monitoramento de Ataques a Jornalistas no Brasil**. Edição 2021 e 2022.

BARÃO, G.; FONTES, G. S.; MARQUES; F. J.. Mulheres jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Como as relações de gênero interferem na produção jornalística? **VIII Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo.** 2021.

MICK, J.; et. al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**. Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Quorum Comunicação. 2022 In: https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/2022-06-27-Relatorio-Final-Pesquisa-do-Perfil-dos-Jornalista-2021-VFINAL-SPL-GC-02.pdf

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In **Revista Educação e Realidade**. Vol. 16, n.2. Jul/Dez, 1990.

VEIGA DA SILVA, Marcia. Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.